

# O Jornal Laboratório dos Cursos de Jornalismo

(Entrevista concedida a Alexandre Reis, no dia 04 de julho de 1999)

**Alexandre Reis – Como jornalista, para o senhor, qual é a verdadeira importância de um jornal laboratório em uma faculdade de comunicação e mais especificamente para a FACOM [UFBA] ?**

**Sérgio Mattos** – A importância do **Jornal Laboratório** reside no fato de que é nele onde o aluno começa a colocar em prática as teorias do jornalismo, onde ele começa a colocar em prática suas habilidades e seus conhecimentos. É no Jornal Laboratório onde o aluno começa a praticar as técnicas de redação jornalística. O Jornal Laboratório, enquanto oficina, é importante no processo ensino-aprendizagem, pois permite ao estudante colocar em prática o que aprendeu na teoria. Entretanto, é necessário dizer que o laboratório só surtirá efeito se todos os passos forem praticados pelos estudantes. De nada adiantará a escola ter um jornal, bonito, bem diagramado, todo elaborado se for feito pelos professores. Para mim, um Jornal Laboratório tem que ser todo feito pelos alunos com a orientação e supervisão dos professores. Geralmente, existe esta crítica quanto à qualidade dos produtos dos laboratórios, mas não deve ser diferente, pois a finalidade maior é que o aluno aprenda fazendo e não ficar vendo o professor fazer a edição do texto, a diagramação etc. e tal. Entretanto, acredito que o Jornal Laboratório só deveria ser cursado no último ano da escola, depois que se o aluno já tivesse passado por todas as disciplinas e obtido um maior conhecimento da área, amadurecido um pouco também sobre o papel da mídia e suas funções sociais. A vantagem para o aluno seria pegar um maior traquejo na elaboração dos textos e como se formaria logo depois, ele estaria no pique, pronto para ingressar nas redações. O que vem acontecendo hoje em muitas faculdades de comunicação é que o aluno cursa os laboratórios no início ou no meio do curso e depois permanece mais dois anos na escola sem praticar e quando o curso termina ele já perdeu a pouca prática que adquiriu durante o laboratório. Vale ressaltar que as disciplinas práticas passaram a ser dadas no meio do curso até mesmo por uma solicitação dos alunos que queriam ter logo acesso às disciplinas práticas.

No meu tempo de estudante e quando comecei a ensinar no curso de Jornalismo da então Escola de Biblioteconomia e Comunicação (hoje FACOM/UFBA), tínhamos 720 horas do curso destinadas à prática jornalística no então incipiente Jornal Laboratório. Eram 360 horas num semestre (Prática I) e 360 no outro (Prática II). No primeiro semestre ou na disciplina Prática Jornalística I o aluno aprendia, na prática, redigindo e aplicando as técnicas de redação. O aluno aprendia a ser repórter numa redação simulada, na qual os alunos produziam reportagens, diariamente, de Segunda a Sexta-feira. Por sua vez, os alunos que estavam matriculados em Prática Jornalística II, que já tinham passado por Prática I, exerciam as chefias de redação, num sistema de rodízio, no qual alguns exerciam o papel de pauteiros, chefe de reportagem, editores, diagramadores e reescrevedores, funcionando como se estivessem dentro de uma redação. Só que àquela época fazíamos tudo, até a diagramação do jornal, mas o jornal não era impresso (apesar de a *Tribuna da Bahia* ter publicado alguns cadernos especiais reunindo a produção dos alunos da Escola), o que só anos depois começou a ser feito de acordo com as limitações de verbas, procurando atender à legislação, ainda em vigor, de publicar pelo menos oito exemplares, no mínimo, por ano. Àquela época (década de 1970) todos saiam de certa forma preparados para enfrentar as redações dos jornais, pois tínhamos apenas a habilitação de Jornalismo e a escola preparava basicamente jornalistas para veículos impressos, o que não impedia dos novos profissionais trabalharem como redatores nas emissoras de rádio, de televisão e agências de publicidade da época.

Com as reformas curriculares, as escolas de comunicação passaram a oferecer uma maior quantidade de disciplinas práticas (oficinas ou laboratórios), apresentando um total de horas destinadas à prática laboratorial muito superior àquelas 720 horas, pois passamos a ter laboratórios de rádio, de televisão, de pequenos meios etc. Entretanto, perdemos o total de horas destinadas à prática do jornalismo impresso como era antes. Apesar do aluno hoje ter uma idéia mais geral da prática em outros veículos, ele fica, no meu entender, com uma deficiência prática quantitativa e qualitativamente falando no que diz respeito à prática laboratorial para o jornalismo impresso.

Mesmo assim, quando estive chefiando o Departamento de Jornalismo da FACOM/UFBA, tentamos transformar a disciplina Edição (que é optativa, mas com negociações com o Colegiado conseguimos que só se matriculassem nela estudantes que

já tivessem cursado os laboratórios de prática) na prática real do fechamento do jornal. Caberia aos alunos da disciplina de “Edição” fazer as pautas, sob orientação do professor, que seriam encaminhadas aos professores de prática, cujos alunos produziram as matérias, que retornariam para a disciplina de edição, onde seriam reescritas, tituladas e editadas. A diagramação seria feita em conjunto com os alunos da então disciplina denominada como sendo Processos Gráficos, produzindo o Jornal Laboratório. Essa foi uma tentativa de ordenar a produção do jornal, além de aumentar um pouco a carga horária prática de jornalismo impresso. Os professores das disciplinas “Prática Jornalística” e de “Processos Gráficos” acompanhavam o fechamento do jornal juntamente com o professor da disciplina “Edição”, que era o responsável direto pelo produto final. O jornal recebia muitas críticas dos outros professores, que o achavam mal diagramado, quadrado etc., principalmente quando o comparavam com outras publicações (jornalzinho) da própria FACOM, que tinham o dedo do professor-profissional e não apenas dos alunos. Aliás, para estes outros produtos sempre havia verba disponível, enquanto para o “Jornal Laboratório”, um produto obrigatório era sempre uma dificuldade. As escolas de jornalismo são obrigadas por lei a publicar, pelo menos, oito números por ano e às vezes conseguíamos verba para a publicação de apenas quatro edições. Vale ressaltar que quem fazia a diagramação, com os possíveis estouros e buracos na matéria eram os próprios alunos. Os títulos também eram dados e readaptados na hora do fechamento, mas eram os alunos quem faziam tudo sob a supervisão do professor que dava nota (conceitos) no que eles produziam e se esforçavam para aprender. O importante do processo é aprender todos os passos da produção. Para um professor, um jornal tablóide de 8 ou 12 páginas, pode ser produzido de maneira profissional em duas ou quatro horas, mas para os alunos esta é uma tarefa desafiante, pois é a primeira vez que assumem a responsabilidade de elaborar tudo, apresentando e colocando suas próprias idéias em prática. Este sistema funcionou deficientemente, mas funcionou.

Quanto ao nome do jornal, ao longo de quase 30 anos sempre foi Jornal Laboratório. A mudança de nome é coisa dos últimos 10 anos e mudou tanto que também não faz a menor diferença. Continua e deve continuar sendo um laboratório, um espaço para práticas experimentais. Entendo laboratório de prática como um local onde se

prática para aprender as técnicas, pois o aluno tem que estar preparado para exercer seu papel como cidadão- jornalista na sociedade e na comunidade na qual está inserido. Este negócio de dizer que não cabe à Universidade Pública preparar mão de obra para as empresas, abastecendo o mercado, é balela, ou seja papo furado e superado de alguns radicais, pois, de fato, é papel da Universidade preparar cidadãos-profissionais não apenas em jornalismo, mas em medicina, engenharia, direito etc.

**Alexandre Reis – O senhor já lecionou na FACOM. Por que as experiências com o Jornal Laboratório nunca deram certo na FACOM? Quais foram os principais problemas? O senhor acha que os interesses individuais é que atrapalham o êxito de experiências como esta na FACOM?**

**Sérgio Mattos** – Quem disse que o Jornal Laboratório nunca funcionou na FACOM? Ele pode não ter sido o supra-sumo, mas que funcionou, funcionou. Teve épocas ótimas e épocas de crises. Vários professores como Florisvaldo Mattos, Othon Jambreiro, Emiliano José, Sérgio Mattos, Vera Martins, Júlio Lobo, Fernando Conceição dentre outros já estiveram à frente do Jornal Laboratório, conseguindo, em épocas diferentes com facilidades e dificuldades diferentes, manter a publicação aos trancos e barrancos. A Biblioteca da Faculdade ou a Biblioteca Central da UFBA deve ter a coleção dos jornais que foram publicados e que servem de atestado de seu funcionamento, mesmo que em algumas épocas, sua periodicidade tenha sido irregular devido a uma série de motivos, tanto internos como externos. O principal problema para imprimir o jornal sempre foi a falta de verba, que tinha que ser alocada pela Reitoria, e o sucesso na obtenção da verba sempre dependeu do interesse do diretor da escola ou do prestígio que ele tinha junto às fontes de recursos. Houve época dos alunos terem fechado dez edições e só duas delas foram efetivamente publicadas. Naturalmente que quando você pergunta se interesses individuais interferem no processo, é porque você mesmo já deve ter percebido de alguma forma que os interesses podem prejudicar, até mesmo quando embasados de boas intenções. Nem sempre uma boa intenção significa que seja a melhor ou a mais adequada. Agora mesmo [1998] estão debatendo a possibilidade de se criar um conselho editorial para uma publicação laboratorial. Tenho

minhas dúvidas quanto a esta necessidade e pior ainda quanto ao seu amarramento à Congregação da Escola. O Jornal Laboratório de um curso com habilitação em Jornalismo é o produto final de algumas disciplinas (prática/oficina, edição, fotografia e processos gráficos), não é um veículo de divulgação da escola, apesar dele poder ser usado para tal, pois é muito mais fácil pautarmos os assuntos internos da própria Universidade do que tentarmos coletar dados da cidade como um todo. A UFBA, como toda e qualquer Universidade, tem um manancial de informações que não são divulgadas pela grande imprensa, o que já justifica por si mesma ser o assunto a ser dissecado pelo Jornal Laboratório. É bom que se diga que a existência de um Jornal Laboratório não impede a FACOM, se tiver recursos para tal, manter outro jornal ou outra publicação qualquer, feito por professores, de modo mais profissional, contando, preferencialmente (diria até obrigatoriamente), com a participação exclusiva de alunos que já tivessem cursado as disciplinas laboratoriais, o que lhes garantiria mais uma chance de aprimoramento na prática do jornalismo. Mas o que acontece é que quando estas publicações surgem na escola, geralmente estão sob o comando de professores outros que não aqueles que são titulares das disciplinas práticas. E, exatamente por isso, acabam usando seus alunos (que na maioria ainda não cursaram as disciplinas de laboratório), criando distorções quanto ao processo de ensino – aprendizagem e conflitos na finalidade das disciplinas. A participação dos alunos que não cursaram disciplinas práticas em produções outras dentro da FACOM acabam gerando expectativas nestes alunos que quando chegam às oficinas laboratoriais querem fazer as mesmas coisas que faziam nas outras publicações, nas quais não recebiam a orientação para o uso das técnicas de redação, entrando em conflito com os professores que têm um programa a ser dado e que apesar de alguns acharem chato, servirá de base quando no desempenho da atividade profissional dentro das redações. Não quero fazer apologia nem tão pouco desenvolver teoria sobre o assunto, mas é bom que se diga que qualquer pessoa que sabe português, sabe escrever. Mas escrever para jornal requer o emprego de uma técnica, que não é nenhum bicho de sete cabeças, mas deve ser dominada pelo profissional para facilitar a transmissão da informação em um nível que tanto um doutor como um semi-analfabeto possam entendê-la. O candidato a jornalista, o estudante de jornalismo, tem que aprender a transmitir as informações da maneira mais direta, clara, objetiva e simples possível,

para que todos possam entender. A linguagem rebuscada ou acadêmica só deve ser usada, quando publicada nos jornais, nos espaços editoriais, locais reservados para artigos ou nos cadernos específicos, que absorvem uma outra linguagem que não aquela usada para a transmissão básica das informações.

**Alexandre Reis – O senhor conhece o projeto do novo jornal? Se conhece, o que acha?**

**Sérgio Mattos** – Não, não conheço o novo projeto, salvo os debates em relação ao novo nome para o Jornal Laboratório, que não acrescenta nada, uma vez que cada turma poderia, como já aconteceu em outras épocas, dar ou adotar um nome diferente. E pode tomar nota, o novo nome não será o definitivo, pois haverá sempre alguém com uma proposta diferente e a depender da situação poderá mudar novamente. Também tenho ouvido falar sobre o tamanho do jornal, se deveria permanecer como tablóide ou mudar. Ora, a imprensa mundial está reduzindo o tamanho dos jornais já a partir deste ano de **1998**, evidenciando uma tendência que tem o objetivo de atingir o tamanho intermediário entre o atual e o tamanho tablóide, ou seja um tamanho semelhante ao do El País. Já a partir do dia 24 de agosto de 1998, os jornais nacionais brasileiro já estarão com novo formato, uma nova mancha gráfica, enquanto os jornais baianos, devido a estoque de papel, primeiro mudam a mancha, usando o mesmo formato de papel que só mudarão a partir de setembro de 1999. (Vale destacar aqui o formato dos jornais de acordo com as medidas da NAA – Newspapers Association of America: o formato antigo era 34.4cm de largura X 57.8cm de altura, enquanto o atual formato do papel utilizado pela imprensa, inclusive a brasileira, apresenta agora especificação de 31.75cm de largura X 57.8cm de altura, com uma mancha gráfica de 29.7cm de largura X 53.8cm de altura).

**Alexandre Reis – Para o senhor, o que deve ser feito para uma experiência como esta ser bem sucedida? Quem deve ser responsável pelo jornal e de que forma este jornal deveria funcionar?**

**Sérgio Mattos** – Como disse, não conheço o projeto para o novo jornal, salvo pequenas informações que já comentei. Mas, se for um Jornal Laboratório, quem deve ficar à frente, pela lógica, é o professor ou professores responsáveis pelas disciplinas práticas. Mas para tecer maiores comentários, mesmo que críticos, visando dar minha contribuição, eu precisaria conhecer o projeto como um todo. Sem conhecê-lo fico impossibilitado de comentar. Observe-se que o que foi dito acima é um relato de experiências vividas.

**Alexandre Reis – Na opinião do senhor, como o jornal deve ser ligado às disciplinas da FACOM? De que forma ele deve se conciliar com as oficinas e as disciplinas teóricas?**

**Sérgio Mattos** – O Jornal Laboratório deve estar vinculado às disciplinas práticas. Entretanto, isto não impede o envolvimento de outros professores e de outros estudantes de disciplinas teóricas de participarem diretamente do mesmo. Por exemplo, a disciplina de “Metodologia e Pesquisa” poderia desenvolver, sob orientação do professor da mesma, uma pesquisa sobre comportamento dos estudantes universitários e os resultados da pesquisa seriam enviados aos professores das disciplinas práticas que analisariam com seus estudantes como seria a divulgação daqueles dados coletados sob a forma de notícia, que seria então produzida e publicada. Isto ajudaria inclusive os alunos de prática a apreenderem a ler dados, documentos e resultados de pesquisas e como transformar números em texto. As apresentações dos textos (trabalhos) teóricos feitos por alunos, nas disciplinas teóricas poderiam ter a cobertura jornalística feita pelo pessoal da prática. Assim haveria uma integração e participação de todos no jornal. Os professores da teoria também podem sugerir pautas, bem como o jornal pode criar uma seção na qual artigos produzidos por alunos das disciplinas teóricas pudessem ser publicados desde que aprovados, selecionados ou indicados por seus respectivos professores. Como se pode ver, os exemplos para a participação, interação e integração de todos no Jornal Laboratório pode ser conseguido com um pouquinho de boa vontade.

**Alexandre Reis – O senhor poderia dizer se por acaso algum professor é contra ou acaba por prejudicar a idéia (algun o fez no passado)? Existe alguém na Faculdade que é contra ideias do tipo? Como o senhor lidava com isto e com as novas idéias que surgiam? Qual era a relação do senhor com os jornais laboratórios da Faculdade?**

**Sérgio Mattos** – Sempre que novas idéias surgem, sempre há aqueles que se colocam contra, porque são conservadores ou estão acomodados ou por qualquer outro motivo. É natural que toda mudança gere conflitos de opiniões, mas as idéias que permanecem são sempre aquelas defendidas por quem detém o poder, ou por aqueles que melhor apresentam seus argumentos, convencendo a maioria, pelo menos naquele específico momento, de que sua proposta é a melhor. Há também aquelas idéias que são aprovadas devido à manipulação do assembleísmo, onde uma minoria ativa acaba aprovando tudo contra a maioria silenciosa, omissa e não participativa. Isto é um panorama geral do que pode acontecer em todo e qualquer local e foi uma prática muito comum na FACOM durante os últimos dez anos (1987 a 1997). Agora sobre a FACOM especificamente NÃO posso dizer quem está contra ou favor de qualquer ideia nova e que esteja tentando impedi-la por não estar envolvido no processo atual. Sobre como eu lidava com novas ideias, posso dizer apenas que sempre fui muito claro sobre o que eu defendia e defendo, manifestando sempre minhas ideias e lutando por elas. Algumas vezes obtive sucesso e em outras não. Isto também não quer dizer que eu estivesse certo ou errado nem quando ganhei ou quando perdi. É um processo natural, principalmente dentro da FACOM, onde sempre houve muita disputa entre a teoria e a prática. Aliás, há alguns anos, em 1994, escrevi um artigo publicado pela INTERCOM, em um de suas publicações [in MELO, José Marques de (org.). *Transformações do Jornalismo brasileiro ética e técnica*, Coleção GT's, INTERCOM nº 2, 1994, pp.27-38] no qual já dizia que o futuro do ensino do jornalismo depende do diálogo entre a teoria e a prática. Fora disso não há solução. Sobre minha relação com os jornais laboratórios creio já ter respondido a esta pergunta com os comentários que fiz acima.



**Alexandre Reis – O senhor estudou fora do país. Como funciona a experiência do jornalismo laboratório nos Estados Unidos? O que há de melhor lá do que aqui? E no Brasil, que experiência neste sentido é bem sucedida?**

**Sérgio Mattos** – A prática jornalística nas faculdades americanas é muito, mas muito diferente da que temos no Brasil. Não dá para comparar. Para começo de conversa basta dizer que as escolas de comunicação americanas, de um modo geral, possuem canais de televisão, emissoras de rádio, jornais diários ou semanais, além de editarem revistas mensais e outros tipos de publicações com a participação e envolvimento direto dos alunos. A Universidade na qual fiz o Mestrado e o Doutorado, no período de 1978 a 1982, a Universidade do Texas, em Austin, por exemplo, possui uma emissora de TV, uma emissora de rádio FM e um jornal diário. Um jornal com circulação diária de 80 mil (oitenta mil) exemplares, com um mínimo de 48 páginas, distribuídos gratuitamente em todas as áreas do campus universitário e nas áreas ou bairros onde estão localizadas as residências estudantis. O jornal é um exemplo nos Estados Unidos e raro é o ano que não ganha todos ou quase todos os prêmios da área. O nome do jornal não muda é sempre o mesmo. Mas todos os anos ele sofre uma reforma gráfica e editorial completa a depender do grupo editorial escolhido que o assuma em eleição direta feita dentro do campus, na qual alunos, professores e funcionários podem votar. O negócio é o seguinte: O jornal conta com a participação das escolas de administração, economia, contabilidade, biblioteconomia, publicidade, marketing, e jornalismo, é obvio. Cada setor é gerenciado diretamente por alunos dos respectivos cursos, ou seja, os estudantes de um determinado ano de administração participam da administração do jornal, sob orientação de seus respectivos professores. A publicidade é gerenciada da mesma forma, por alunos de publicidade. A contabilidade e a parte financeira também recebem a contribuição de estudantes do curso específico e assim vai. No caso específico de jornalismo o editor chefe é eleito anualmente com todo o seu staff (os editores). Ele tem que apresentar um plano editorial a ser cumprido, incluindo aí o planejamento gráfico a ser adotado se ele for o escolhido, digo eleito. Como são muitos os estudantes, só pode se candidatar a editor chefe quem tiver uma média ponderada preestabelecida além de já ter cursado um determinado número de créditos. No caso, só os alunos do último ano podem ser

candidatos a editor chefe. Ele escolherá seus editores também pelo mesmo processo. Todas as equipes candidatas apresentam seus projetos para os demais estudantes que escolhem, pelo voto, qual o melhor projeto a ser implantado. O projeto vale nota, portanto mesmo aqueles projetos não eleitos são avaliados pelos professores e nem sempre o eleito significa o melhor tecnicamente falando, mas foi o que a comunidade universitária escolheu democraticamente e será implantado. Vale salientar que todo o projeto é feito pelo staff de editores juntamente com o chefe, o candidato a editor chefe. Ao tomar posse, a equipe eleita implanta os projetos gráfico e editorial com a supervisão dos professores, mas o projeto é dos alunos. Os repórteres são os estudantes de jornalismo das disciplinas específicas que exigem aquele tipo de estágio (ou sejam as disciplinas práticas) os fotógrafos, também são os estudantes da disciplina específica e assim vai. O jornal é rentável, pois recebe os anúncios da comunidade, produzidos pela agência da escola de Publicidade da Universidade, operada por alunos sob supervisão dos professores. A distribuição é assumida pela própria universidade que também banca os prejuízos se por acaso acontecerem. Desta forma há uma interação de todos os setores do campus de um modo geral e uma integração mais direta dos cursos específicos vinculados ao jornal. A prática laboratorial se constitui, portanto, numa ampla interdisciplinaridade entre disciplinas e cursos da Universidade. Todos que fazem o curso de jornalismo passam pelo jornal, mas as chefias são específicas para os melhores alunos e mesmo assim ainda dependem, da escolha de seus respectivos projetos. Mais uma vez vale destacar que independente do jornal diário a Universidade mantém um jornal laboratório em funcionamento, onde aqueles que não forem escolhidos para os cargos no jornal, podem aprender a voz de comando em editorias nas salas de aula e seus produtos finais podem ser encaminhados para a redação do jornal que pode ou não aproveitar as reportagens e artigos submetidos. Alunos, professores e funcionários também podem escrever para o jornal como leitores, sugerindo coisas e criticando a linha de atuação do mesmo.

Será que um dia conseguiremos fazer uma coisa semelhante aqui?... Além de muita democracia é necessário que a Universidade tenha muito dinheiro. No caso da Universidade do Texas é bom que se diga, trata-se de uma Universidade estadual, mas é uma das mais ricas dos Estados Unidos devido aos seus investimentos na área do

petróleo, possuindo uma das melhores faculdades de geologia do mundo, onde exatamente a Petrobras manda todos os seus técnicos fazerem pós-graduação.

É isto aí, espero que tenha dado alguma contribuição para o debate em torno do Jornal Laboratório não só da FACOM, mas também para todas as faculdades de jornalismo onde o debate sobre a interação entre a prática e a teoria esteja ocorrendo, o que é muito salutar para o futuro dessas escolas.